

Zeljko Loparic

A Escola de Kyoto no Brasil

A coletânea *A Escola de Kyoto e o perigo da técnica* oferece ao público brasileiro os trabalhos apresentados no III Colóquio Internacional sobre o Pensamento Japonês, realizado pelo Grupo de Pesquisa sobre o Pensamento Japonês nos dias 28 e 29 de novembro de 2008, na sede da Fundação, com o título: “O perigo da técnica – perspectivas ocidentais e orientais”.

O Grupo organizador do evento foi criado por minha iniciativa no segundo semestre de 2005, depois da realização, no primeiro semestre desse mesmo ano, na Fundação, de um curso ao qual dei o título: “Introdução à filosofia da Escola de Kyoto”. Esse curso e a subsequente criação do Grupo faziam parte da minha modesta retribuição pela bolsa de estudos em Kyoto, que me foi generosamente concedida pela Fundação Japão de Tóquio, no período de novembro de 1997 a fevereiro de 1998, para a realização do projeto de estudos sobre o tema: “A recepção de Heidegger na Escola de Kyoto”.

A Escola de Kyoto surgiu, no começo do século XX, em torno da figura e da obra de Kitaro Nishida, que tentava dizer na linguagem da filosofia ocidental, traduzida para o japonês, a experiência do mundo e do si-mesmo depositada na tradição zen-budista. A Escola inclui o seu contemporâneo mais jovem,

Hajime Tanabe, os primeiros alunos, os mais conhecidos dos quais são Shinichi Hisamatsu e Keiji Nishitani, uma terceira geração de alunos, na qual se destacam Koichi Tsujimura, Shizuteru Ueda e Yoshinori Takeuchi, bem como a quarta geração, representada por Ryosuke Ohashi e outros, com a qual a Escola parece ter chegado ao fim, tendo esgotado os seus recursos. Ela permanece atual, contudo, por ter sido o ambiente no qual surgiu o pensamento filosófico no Japão contemporâneo, que exerceu influência significativa sobre a cultura japonesa da sua época e que continua objeto de interesse crescente de todos aqueles que, na comunidade filosófica internacional, estão empenhados em continuar e desenvolver o diálogo entre o pensamento oriental e o ocidental. Vários membros da Escola conheceram Heidegger pessoalmente ou foram seus alunos. Esses contatos resultaram em sucessivas tentativas de estabelecer uma relação entre a desconstrução de Heidegger da metafísica ocidental, o seu modo pós-metafísico de pensar e o pensamento zen-budista, assunto que chamou a minha atenção nos anos 1990. Interessava-me ainda o trabalho de Kimura Bin, médico e psiquiatra da Universidade de Kyoto, que tentou repensar a psiquiatria com base na herança budista e no pensamento de Heidegger, no qual foi iniciado nos seminários de Koichi Tsujimura. Esses dois assuntos fizeram-me viajar a Kyoto.

O Grupo que criei na Fundação Japão de São Paulo foi composto inicialmente pelos professores doutores Cassiano Sydow Quilici (PUC-SP), Christine Greiner (PUC-SP), José Carlos Michelazzo (Sociedade Brasileira de Fenomenologia), Marcos Lutz-Müller (Unicamp), Oswaldo Giacoia Junior (Unicamp), Sérgio Basbaum (PUC-SP) e, naquela época ainda doutorando, Wagner Sassi (PUC-RS). Na sua maioria, eles eram meus

interlocutores privilegiados nas discussões regulares sobre Heidegger, as quais já se estenderam por vários anos, dois deles tendo sido meus orientandos de doutorado sobre temas de filosofia desse mesmo autor. O objetivo do nosso projeto de pesquisa na Fundação Japão de São Paulo era uma grande ampliação da temática dos meus estudos em Kyoto, motivada pela diversidade de interesses dos participantes. O resumo do projeto, pioneiro no Brasil, diz o seguinte:

O objetivo deste grupo de pesquisa é identificar e analisar alguns dos principais aspectos do pensamento japonês, concebidos como manifestação de modos de ser japoneses depositados nas diferentes formas de expressão cultural, especialmente na religião, na filosofia, na arte, na psicologia e na língua j-SP - o será fornecido pelas considerações sobre as diferenças entre o pensamento ocidental e oriental, em particular, sobre o caráter metafísico do primeiro e o não-metafísico do segundo, sendo o caráter metafísico de um pensamento caracterizado principalmente pelos procedimentos de objetificação da realidade no seu todo e o não-metafísico, pelo relacionamento com tudo o que há, e que poderia ser chamado de pensamento meditativo. Além do seu interesse teórico intrínseco e pelo fato de refletir um conflito essencial da civilização globalizada em que vivemos – entre ser uma pessoa e ser um fabricante –, esse fio condutor merece também ser considerado por ter recebido atenção especial nos trabalhos recentemente realizados no Brasil por profissionais de diferentes áreas, alguns deles membros do grupo agora constituído. O resultado final esperado é triplo: 1) contribuir para a melhor caracterização de elementos centrais da cultura japonesa, 2) avançar na compreensão das tensões essenciais do mundo atual, existentes tanto no Ocidente como no Oriente, 3) oferecer um ponto de vista especificamente brasileiro sobre os dois pontos anteriores.

O Grupo iniciou seus seminários mensais em 24 de setembro de 2005 com o estudo de textos de Nishida. Já no começo de 2006, decidimos apresentar publicamente alguns

dos resultados das nossas discussões. Assim surgiu o projeto do I Colóquio sobre o Pensamento Japonês, que foi realizado no dia 28 de setembro de 2006, na Fundação, sob o título: “Um encontro Ocidente-Oriente: o legado da Escola de Kyoto”. O resumo do colóquio dizia o seguinte sobre os nossos objetivos:

A filosofia contemporânea no Japão desenvolveu-se a partir e em torno da obra de Nishida, iniciador da Escola de Kyoto. Um dos traços essenciais dessa obra é tentar dizer a experiência japonesa do mundo e do si-mesmo numa linguagem próxima da que é empregada pela metafísica ocidental. O objetivo do presente Colóquio é avaliar essa tentativa, considerada problemática até mesmo pelos colaboradores mais próximos de Nishida, entre eles Shin'ichi Hisamatsu.

Nesse evento, pudemos contar com a grata presença do Prof. Dr. Jeff Shore, da Universidade de Hanazono em Kyoto, praticante de zen e especialista em Hisamatsu.

Em 2007, encorajados pelo êxito do I Colóquio, tomamos a decisão de transformar essa atividade em eventos anuais. O II Colóquio sobre o Pensamento Japonês foi realizado em 15 de dezembro de 2007, na Fundação, e teve como tema “Niilismo e linguagem”. O objetivo era continuar o diálogo entre o pensamento ocidental e oriental, iniciado em 2006, no I Colóquio. O resumo especificava o assunto visado de maneira precisa:

Desta vez, o fio condutor das discussões será o problema da superação do niilismo, relacionado com os diferentes usos da linguagem, em particular, com a oposição entre a linguagem objetificante, característica da metafísica e da ciência ocidental, e a linguagem não-objetificante da poesia e do pensamento que Heidegger chamou de meditativo.

Em novembro de 2008, realizamos o nosso III Colóquio sobre o Pensamento Japonês, o qual foi concebido desde o início

como internacional (em parte, devido ao impulso dado pelo Prof. Shore no I Colóquio). A realização tornou-se possível graças ao apoio financeiro que o Grupo recebeu da Fundação Japão de Tóquio e da Unicamp, podendo contar ainda com a infraestrutura administrativa e material posta à nossa disposição pela Fundação Japão de São Paulo, além do apoio recebido da Sociedade Brasileira de Fenomenologia e da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana. O tema escolhido foi: “O perigo da técnica – perspectivas ocidentais e orientais”, de inspiração heideggeriana. Na proposta do evento lê-se:

Na nossa época, na qual todas as formações vitais da sociedade estão fundadas em ciência e tecnologia, e, ainda mais, em que a própria sobrevivência das sociedades depende, cada vez mais, da capacidade de atualização e desenvolvimento de seu potencial tecnológico, mostram-se também os perigos desse desenvolvimento. O III Colóquio Internacional sobre o Pensamento Japonês, que contará com a participação de destacados estudiosos brasileiros e estrangeiros, propõe-se a identificar esses perigos e buscar caminhos de resposta para eles. Com essa finalidade, promoverá um diálogo entre as tradições culturais do Ocidente e do Oriente, ambas milenares, em torno de temas comuns tais como o ultrapassamento do pensamento objetificante, da linguagem categorial, bem como da subjetividade e do niilismo. Para tanto, a filosofia de Heidegger, em especial a sua reflexão sobre a técnica, será usada como fonte dos principais elementos para estabelecer uma conexão apropriada entre os temas mencionados.

Esse colóquio era projetado também como parte dos eventos comemorativos do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, oferecendo, assim, uma oportunidade privilegiada de trazer para o Brasil, em homenagem a esses imigrantes, aspectos essenciais da cultura do seu país de origem.

Abre esta coletânea o texto de *Katsubito Inoue* intitulado: “O problema global do meio ambiente e a filosofia japonesa”.

O autor concede que o nosso cotidiano se tornou, efetivamente, mais enriquecido e cômodo pelo desenvolvimento da tecnologia e da indústria. Porém, adverte que o ecossistema global está agora diante de uma crise desencadeada pelo aquecimento global ou pela desertificação causada pelo desmatamento desmedido. A causa dessa realidade reside em nossas crenças arraigadas de que a ciência e a tecnologia são todo-poderosas, e que a busca pelo lucro deve ser priorizada. Nesse contexto, que papel cabe ao filósofo? O argumento proposto é que precisamos de uma ecofilosofia. Tal filosofia deveria considerar até que ponto a representante natural da Filosofia Japonesa, a Escola de Kyoto, está à altura desse desafio. Onde residem a natureza e o significado particulares da tão falada ética tradicional do Oriente subjacente à filosofia da Escola de Kyoto? A resposta poderia ser encontrada numa perspectiva voltada para o “Outro absoluto” transcendente, baseado na ética da Escola de Kyoto, ou seja, a ética da “correspondência dos opostos” como uma espécie de “trans-descendência”.

O segundo texto, de *Antonio Florentino Neto*, intitulado “Algumas sugestões sobre as interpretações ocidentais do pensamento oriental”, aborda diversas interpretações feitas por filósofos ocidentais sobre o pensamento oriental com o objetivo de apontar as origens de alguns “pré-conceitos” que nortearam a concepção ocidental do pensamento oriental. Em obras de Leibniz, Hegel, Nietzsche, Jaspers e muitos outros filósofos reconhecidos podem-se ler passagens e textos completos sobre a tradição filosófica oriental, que formaram a nossa concepção do mundo oriental. A reconsideração dessas interpretações seria o principal caminho em direção ao novo início do diálogo entre Ocidente e Oriente. Na última parte do texto, o autor trata do

anúncio da morte de Deus no Ocidente e da morte do Buda no zen-budismo – apontando, em especial, proximidades e distâncias entre o niilismo europeu de Nietzsche e a “religião” atêia do zen-budismo de Hisamatsu –, visando a apresentar um material importante para a renovação do referido diálogo.

O artigo de *Oswaldo Giacoia Junior*, “Teses sobre Nietzsche e o budismo”, pretende refletir a respeito de certas condições teóricas que tornam possível uma aproximação significativa entre elementos centrais da filosofia de Nietzsche, tais como *amor fati*, liberdade, determinismo, ressentimento, vontade, vontade de poder, niilismo, e a interpretação budista dessas doutrinas, tal como elaborada pela escola filosófica de Kyoto. O resultado da investigação mostra que Nietzsche e o pensamento budista partilham frutíferos discernimentos a respeito da condição existencial da humanidade, que não poderiam ser notadas com base nas afirmações explícitas de Nietzsche sobre o budismo.

O trabalho de *José Carlos Michelazzo* intitulado “Ser e *sunyata*: os caminhos ocidental e oriental para a ultrapassagem do caráter objetificante do pensamento” retoma, no essencial, o mesmo tema que o anterior. As possíveis saídas para os difíceis problemas e sofrimentos de nossa época nascem da perspectiva objetificante do pensamento, presente na ciência e na técnica modernas. Não é possível simplesmente fugir dessa perspectiva nem com ela entrar em conflito, usando simplesmente outros padrões de pensamento, nem mesmo a ela virar as costas. Devemos, ao contrário, fazer algo bem diferente, penetrar no fundamento ontológico desse caráter objetificante, ultrapassá-lo, para encontrar um solo não objetivo. É o que propõem Heidegger e os pensadores da Escola de Kyoto, ou seja, uma

experiência de transcendência para além de todo horizonte metafísico. Para o filósofo alemão, essa experiência dar-se-á por meio do pensamento meditativo (ser) e, para os pensadores japoneses, mediante a vivência religiosa radical da nadaidade absoluta (*sunyata*).

Em “Técnica e guerra em Heidegger e na Escola de Kyoto”, *Takao Todoroki* apresenta inicialmente a tese de Heidegger de que o mundo moderno é totalmente dominado pela técnica que compreende o ente como algo que pode ser feito e produzido e, com isso, “desnaturaliza” a natureza. O mundo técnico contrapõe-se ao “mundo espiritual do povo” no qual “a totalidade do ente” (*a physis*) predomina enquanto poder avassalador. Essa posição técnica inicial forma a essência da “subjetividade”; por sua vez, é da subjetividade que os estados contemporâneos tomam forma, pois a conseqüência essencial da subjetividade é o nacionalismo e o socialismo dos povos. A ordem mundial que se funda na subjetividade é caracterizada pela luta por segurança do poder e, por isso, é uma guerra sem limites. O mundo torna-se disposto à guerra. Aqui se faz necessária uma humanidade que esteja de acordo com a técnica moderna. Para Heidegger, os nomes “soldados” e “trabalhadores” são precisamente os títulos para uma humanidade como essa. Por outro lado, a Escola de Kyoto constata, ao refazer a história da filosofia, que o Ocidente não está mais em condições de exercer o papel de liderança na história mundial, após o Japão, movido por sua “energia moral”, ter conquistado a posição de grande potência do extremo Oriente. Segundo a Escola de Kyoto, a diversificação do mundo resultante é um processo histórico necessário. Dessa forma, a guerra contra os Estados Unidos e a Inglaterra é uma “guerra santa”, porque ela visa a constituir

uma “esfera de bem-estar em toda a Ásia”. Com a ajuda do Japão, os povos de toda a Ásia deveriam tornar-se autônomos e, ao mesmo tempo, trabalhar juntos para o seu bem-estar. Para isso, os filósofos da Escola de Kyoto julgavam necessário ter a técnica moderna à disposição. Nesse sentido, percebe-se a falta de uma discussão crítica com a técnica moderna e com a “mobilidade total” que é o resultado dessa técnica.

Marcos Lutz Müller, no trabalho “A experiência do ‘lugar da nadidade’ como fundamento da consciência religiosa (Nishida) e a resolução da ‘nadidade’ do finito na infinitude verdadeira (Hegel)”, mostra que Kitaro Nishida, partindo de uma crítica das formas de consciência religiosa que se articulam no registro de uma lógica objetiva do conhecimento e de uma reificação do si-mesmo, elabora uma nova fundamentação da consciência e da vida religiosas, para além das oposições tradicionais entre teísmo, ateísmo e panteísmo. Esse novo fundamento é a experiência existencial, irredutivelmente individual e histórica, do “lugar da nadidade”, que se realiza na autodeterminação do presente absoluto, concebida como a contraface da autonegação de Deus, como a expressão da “identidade contraditória e abissal” de Deus e do si-mesmo, e, também, da vida e da morte em cada instante. Essa experiência da nadidade, que perpassa a vida ordinária e ilumina o presente, inspira-se na lógica paradoxal do esvaziamento da tradição budista mahayana e, igualmente, na tradição cristã da morte de Deus e na teologia da exteriorização e do autodespojamento de Deus. Pretende-se realçar a riqueza e a força da exploração filosófica desse conceito empreendida por Nishida mediante a contraposição reiterada que ele faz com o pensamento hegeliano da nadidade exaustiva do finito, concebido como momento ideal da verdadeira infinitude

processual, infinitude esta que já sempre se exteriorizou e rebaixou à sua relação com o finito, e, simultaneamente, suspendeu a sua diferença em face do finito no seu retorno a si.

O texto de *Rolf Elberfeld* “Vacuidade e voz média – formas do uso da linguagem em Nishida e Nishitani” sustenta a tese de que as filosofias de Nishida e Nishitani podem ser lidas sob uma nova perspectiva se estivermos atentos para a história e o uso contemporâneo da voz média nessa língua. Ambos os pensadores usam tal forma, supostamente sem conhecimento do embasamento gramatical da voz média. A palavra *kangaerareru*, que surge com freqüência nos textos de Nishida, e a palavra *mieru*, que é utilizada por Nishitani para explicar a unicidade de uma situação, são, sob uma ótica gramatical, formas da voz média. A partir de uma compreensão da voz média em textos do japonês antigo, tais palavras, bem como toda a abordagem, podem ser vistas por uma perspectiva diferente. Dessa forma, as metáforas para “lugar” (*basho, tokoro*) e “vazio” tornam-se acessíveis pela perspectiva da voz média. A perda da voz média desde a época em que a filosofia usava o latim na Europa foi um fator de desenvolvimento da tecnologia naquele continente.

Por último, o meu texto “Metafísica e técnica em Heidegger” inicia-se com a apresentação das duas teorias do agir elaboradas por Heidegger: a fenomenologia do agir de *Ser e tempo* e a metafísica do agir dos anos 1930 em diante. Segundo a primeira, o agir é um modo de o ser humano lidar com as coisas intramundanas, que se fundamenta na relação compreensiva originária do homem ao ser dos entes e em suas modificações. De acordo com a segunda teoria, o agir é um modo de ser de todas as coisas na nossa época, portanto, também do homem,

cujos nome metafísico é vontade de poder e que se manifesta como técnica apoiada em ciência. Esse sentido do ser dos entes não é resultado de um modo de compreender humano, mas um destino imposto ao homem pela acontecência do Ser depositada na história da metafísica ocidental. O texto prossegue oferecendo uma discussão crítica filológica e conceitual dessa tese central do pensamento de Heidegger na sua fase tardia. Na conclusão, proponho, como caminho alternativo ao do segundo Heidegger, a elaboração de uma antropologia pragmática, inspirada em várias fontes, tanto filosóficas (o Heidegger de *Ser e tempo* incluído), quanto factuais, como quadro para a formulação e encaminhamento de soluções para o problema não de ultrapassamento, mas de integração existencial e racionalmente aceitável da técnica na vida de indivíduos e de grupos humanos.

A riqueza dos temas abordados reflete a variedade dos interesses pessoais dos membros do Grupo, os quais aproveitaram esse evento para pôr às claras as suas perspectivas hermenêuticas de modo talvez mais explícito do que fizeram em trabalhos anteriores. Ao leitor atento não escaparão discordâncias entre os pontos de vista apresentados, o que poderá se constituir, creio eu, em um atrativo adicional da presente coletânea. A diversidade de abordagens tampouco surpreenderá, considerando-se a presença significativa de trabalhos de autores estrangeiros.

Várias pessoas participaram na preparação dos textos: Antonio, além de atuar de modo incansável e eficaz como Coordenador Adjunto do evento, conseguiu tradutores competentes para as duas contribuições japonesas; Giacoia traduziu a contribuição alemã; Michelazzo e Marcos revisaram

a terminologia filosófica brasileira das traduções, enquanto Michiko se encarregou, entre outras coisas, de uma tarefa da maior importância e inexequível por qualquer outro colega: a de revisão e tradução de ideogramas. A todos eles eu gostaria de expressar meus mais sinceros agradecimentos.

Espero que o presente livro consiga encontrar um número expressivo de leitores no Brasil e despertar neles o interesse em aprofundar seus conhecimentos do pensamento japonês. Seria muito gratificante para o Grupo se os nossos resultados pudessem servir de estímulo para um estudo detido dessa forma de cultura que, sob vários aspectos, é tão estranha a nós ocidentais, mas que, sob muitos outros, nos fascina irresistivelmente e promete enriquecer-nos de ensinamentos únicos.

Desde a formação inicial, ao longo dos semestres, a composição do Grupo de Pesquisa sobre o Pensamento Japonês foi mudando. Em 2009, comporão o Grupo, além de mim mesmo, os seguintes membros permanentes: Antonio Florentino Neto, José Carlos Michelazzo, Luiz Paulo Rouanet, Marcos Lutz Müller e Oswaldo Giacoia Junior. O Grupo continuará com os seminários mensais e, no segundo semestre de 2009, organizará um IV Colóquio Internacional sobre o Pensamento Japonês, dedicado, segundo os planos iniciais, aos problemas de interpretação de *Shobogenzo*, de Dogen.